

RECUPERAÇÃO DE FLORESTAS E ÁGUAS EM AMBIENTES URBANOS:

Projeto Izidora, Belo Horizonte – Brasil

• 2024 •



Ricardo Motta Pinto-Coelho
EDITOR

Cap. 01

"Persistência e Resiliência: A Jornada da Ocupação Vitória rumo à Moradia Digna"

Autor

Alysson Armondes
Cientista Social

E-mail de contato: alyssonarmondes@gmail.com

Resumo

A história da Ocupação Vitória, parte das ocupações que são conhecidas como comunidades Izidora, tem suas raízes nas Jornadas de Junho de 2013, um período marcado por protestos em todo o Brasil contra políticas voltadas para a Copa do Mundo FIFA de 2014 e a Copa das Confederações FIFA de 2013, que levaram a cabo intervenções urbanas que resultaram em remoções em massa em várias partes do Brasil. A ocupação nasceu organicamente como resposta à pressão imobiliária e especulação na região norte de Belo Horizonte. A área ocupada se tornou alvo de interesses políticos e econômicos, especialmente de projetos imobiliários, desencadeando confrontos entre a comunidade e entidades públicas e privadas. A resistência se consolidou com acampamentos na Prefeitura e articulações com movimentos sociais e políticos. Apesar das adversidades, como a falta de infraestrutura e conflitos internos, a comunidade se fortaleceu, ainda mais com a ascensão de novas lideranças após a morte de figuras importantes como Manuel Bahia e Kadu. A transição de liderança trouxe um novo foco no diálogo e transparência, impulsionando a luta pela moradia digna. O ressurgimento da Ocupação Vitória, com o apoio ativo dos moradores, representa uma fase de renovação na busca por direitos, destacando a importância da participação comunitária e estratégias eficazes de diálogo para enfrentar os desafios urbanos. A presente narrativa destaca as lições aprendidas e traz reflexões sobre seu significado. A capacidade de mobilização e organização da comunidade diante de desafios foi essencial, com destaque para o acampamento na Prefeitura de Belo Horizonte. A comunicação transparente fortaleceu a coesão interna, enquanto a adaptação às mudanças foi fundamental para enfrentar novos desafios. Experiências trágicas levaram a reflexões sobre a vulnerabilidade dos movimentos sociais. A interconexão entre a ocupação e os desafios urbanos de Belo Horizonte destacou a importância dos movimentos sociais na promoção da justiça social. O desfecho legal inédito suspendendo o despejo ofereceu alívio aos moradores, enquanto mudanças na governança interna resultaram na ascensão de novas lideranças. Desafios futuros incluem a relação com o poder público e a segurança dos moradores, mas o legado da Ocupação Vitória como símbolo na luta por moradia digna continua a inspirar outras comunidades.

Abstract

The history of the Vitória Occupation (“Ocupação Vitória”), part of the occupations that are known as Izidora communities, has its roots in the “June Journeys of 2013”, a period marked by protests across Brazil against policies aimed at the 2014 FIFA World Cup and the 2013 FIFA Confederations Cup, which led to urban interventions that resulted in mass evictions in several parts of Brazil. The occupation was born organically as a response to real estate pressure and speculation in the northern region of Belo Horizonte. The occupied area became the target of political and economic interests, especially real estate projects, triggering clashes between the community and public and private entities. Resistance was consolidated with camps at City Hall and articulations with social and political movements. Despite adversities, such as the lack of infrastructure and internal conflicts, the community grew stronger, even more so with the rise of new leaders after the deaths of important figures such as Manuel Bahia and Kadu. The leadership transition brought a new focus on dialogue and transparency, boosting the fight for decent housing. The resurgence of the Vitória Occupation, with the active support of residents, represents a phase of renewal in the search for rights, highlighting the importance of community participation and effective dialogue strategies to face urban challenges. This narrative highlights the lessons learned and brings reflections on their meaning. The community's ability to mobilize and organize itself in the face of challenges was essential, with emphasis on the camp at Belo Horizonte City Hall. Transparent communication strengthened internal cohesion, while adapting to changes was essential to face new challenges. Tragic experiences led to reflections on the vulnerability of social movements. The interconnection between the occupation and urban challenges in Belo Horizonte highlighted the importance of social movements in promoting social justice. The unprecedented legal outcome suspending eviction offered relief to residents, while changes in internal governance resulted in the rise of new leaders. Future challenges include the relationship with public authorities and the safety of residents, but the legacy of the Vitória Occupation as a symbol in the fight for decent housing continues to inspire other communities.

Palavras-chave: conflitos sociais, moradia digna, especulação imobiliária, resistência e resiliência popular, luta por moradia.

Keywords: social conflicts, decent housing, real estate speculation, popular resistance, struggle for housing.

Parte 1: O Surgimento - Contexto e Antecedentes das Jornadas de Junho de 2013

A história da Ocupação Vitória, integrante das ocupações da Izidora, tem origem nos eventos marcantes das Jornadas de Junho de 2013. Esse período crucial na história brasileira foi desencadeado por uma série de protestos e manifestações que ecoaram por todo o país, indicando um momento de intensa mobilização social e política. As Jornadas de Junho de 2013 foram uma resposta vigorosa às políticas públicas implementadas visando aumentar a arrecadação para custear a estrutura da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil e a Copa das Confederações FIFA de 2013. Além disso, essas intervenções promoveram remoções urbanas extensas para dar espaço a obras de infraestrutura voltadas para os eventos esportivos.

Nesse contexto turbulento, as ocupações na região da Izidora surgiram de maneira orgânica e espontânea, sem coordenação inicial por parte dos movimentos sociais. A pressão imobiliária e a especulação resultaram em um contingente crescente de pessoas sem-teto na região norte da capital, historicamente habitada por uma população de baixa renda.

A valorização dessa região decorreu do desenvolvimento econômico e do mercado imobiliário, impulsionado por investimentos em projetos urbanos, especialmente o Vetor Norte, concebido pelo Governo do Estado de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte. Esse projeto englobava a duplicação de vias como a Linha Verde e as Avenidas Presidente Antônio Carlos e Pedro I, além da construção da Cidade Administrativa, atendendo aos interesses de valorização imobiliária resultante das intervenções públicas.

A Ocupação Vitória, a mais recente entre as ocupações da Izidora, teve início em julho de 2013, após Rosa Leão e Esperança. Um pequeno grupo, originário das ocupações anteriores, iniciou a ocupação próximo ao campo de futebol do Baronesa, na mesma mata da Izidora. Esse movimento foi seguido por outros moradores, e rapidamente a comunidade se consolidou. No entanto, o surgimento da Ocupação Vitória não foi isento de desafios. Pouco tempo após o início, uma juíza concedeu a primeira ordem de reintegração de posse e autorização de despejo, levando os moradores a acamparem nas dependências da Prefeitura de Belo Horizonte. Esse momento foi crucial para o fortalecimento da luta coletiva, estimulando sentimentos de pertencimento e solidariedade entre os ocupantes.

A área ocupada tornou-se objeto de interesse político, pois estava vinculada a planos para a construção de um empreendimento da empresa Direcional Engenharia. As três ocupações - Rosa Leão, Esperança e Vitória - estabeleceram-se em uma vasta extensão de terras ociosas na região do Isidoro, projetada para abrigar até 70 mil imóveis, incluindo o empreendimento Minha Casa Minha Vida, denominado PMCMV - Granja Werneck. A Ocupação Vitória, situada em área fronteira ao Bairro Baronesa, em Santa Luzia, ocupou parte significativa do empreendimento MCMV - Granja Werneck. Posteriormente, em 2023, houve uma oficialização da permuta da área pelo Estado de Minas Gerais, entregue à Família Werneck, e a doação dessa área à Prefeitura de Belo Horizonte.

As negociações com o poder público iniciaram-se em 2013, envolvendo a participação ativa de movimentos sociais, partidos políticos e entidades ligadas à luta por moradia. Reuniões e articulações foram essenciais para a resistência contra as ordens de despejo e a busca por soluções para a comunidade. O cenário de desafios e adversidades se delineava, inaugurando uma jornada marcada pela resiliência e determinação dos ocupantes da Vitória na busca por moradia digna.

Parte 2: Resistência e Adversidades - A Consolidação da Ocupação Vitória

A Ocupação Vitória, ao longo de sua trajetória, foi marcada por episódios de intensa resistência e adversidades que moldaram a comunidade de maneira única. Em 2013, os moradores enfrentaram a primeira ordem de reintegração de posse e autorização de despejo, desencadeando um acampamento nas dependências da Prefeitura de Belo Horizonte. Esse período não apenas solidificou os laços entre os ocupantes, mas também estimulou uma organização interna em torno do interesse comum de garantir a permanência na região.

A área ocupada, estrategicamente localizada em meio a articulações para empreendimentos imobiliários, despertou o interesse político e econômico. Com mais de 10 milhões de hectares de terras ociosas na região do Isidoro, as três ocupações - Rosa Leão, Esperança e Vitória - se encontravam no centro de planos de planejamento urbano, incluindo o ambicioso projeto Minha Casa Minha Vida - Granja Werneck, com cerca de 9 mil unidades habitacionais.

As negociações com o poder público, iniciadas em 2013, envolveram a participação ativa de diversos atores, como movimentos sociais, partidos políticos e entidades vinculadas à luta por moradia. Reuniões e articulações tornaram-se ferramentas cruciais na resistência contra as ordens de despejo, destacando a determinação da comunidade em enfrentar as adversidades.

O contexto político e econômico da região impôs desafios significativos. A pressão imobiliária e os interesses corporativos influenciaram a dinâmica das negociações. A Ocupação Vitória, ao se estabelecer em área fronteiriça ao Bairro Baronesa, em Santa Luzia, ocupava parte substancial do empreendimento Minha Casa Minha Vida - Granja Werneck. A oficialização da permuta da área pelo Estado de Minas Gerais, em 2023, e a doação dessa área à Prefeitura de Belo Horizonte foram marcos que redefiniram as bases do embate entre a comunidade e os interesses imobiliários.

No cenário das manifestações, os ocupantes enfrentaram episódios de violência policial. Durante uma manifestação pacífica na Cidade Administrativa de Minas Gerais, bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas contra os manifestantes, resultando em confrontos e em um morador ferido pela cavalaria da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). Além disso, a comunidade experimentou uma atmosfera de terror causada pela presença constante de helicópteros da polícia, que, por meio de mensagens sonoras, instigavam crianças e idosos a deixarem suas casas sob a ameaça iminente de remoção. Essas ações, muitas vezes realizadas sob chuva intensa, geraram pânico e desorientação.

As manifestações não foram apenas momentos de resistência, mas também marcaram a consolidação da organização interna. Enquanto parte dos moradores acampava na Prefeitura de Belo Horizonte e marchava em protestos, outros se dedicavam à coleta de doações e à preparação de alimentos para sustentar aqueles que estavam fora da comunidade. Grupos de aplicativos de mensagens surgiram para coordenar doações e informações, evidenciando a necessidade de solidariedade e autossuficiência na luta pela permanência.

A necessidade de segurança pública, autodefesa e garantia contra despejos forçou os moradores a se organizarem, contando com o apoio de movimentos sociais, partidos políticos e entidades assistenciais. A transparência e a prestação de contas tornaram-se fundamentais para consolidar a confiança dos moradores na ação política necessária para a continuidade da luta. Estratégias de sobrevivência começaram a

emergir, como a cultivoação de hortaliças nos lotes e a busca de apoio e doações. No entanto, a falta de infraestrutura coletiva, saneamento básico e condições precárias de moradia desencadearam conflitos internos, a formação de gangues e o tráfico de drogas, gerando novas preocupações para a segurança dos ocupantes.

A trajetória da comunidade envolveu marchas à Cidade Administrativa, sede da Prefeitura de Belo Horizonte, encontros com autoridades como a então Presidente da República Dilma Rousseff e o Governador de Minas Gerais Antônio Anastasia, além de articulações com o Ministério Público e assessoria técnica realizada pela instituição Arquitetos Sem Fronteiras. No entanto, nos bastidores, a PBH, Direcional Engenharia, Granja Werneck S.A. e COHAB Minas alinhavavam estratégias políticas para despejar a população, enquanto lideranças e movimentos sociais enfrentavam dificuldades nas negociações.

O desdobramento trágico desse contexto resultou em mortes, incluindo as lideranças Manuel Bahia e Kadu, março e novembro de 2015. Manuel Bahia, destacado na Ocupação Vitória, focava na redistribuição de lotes para adensar a comunidade. Já Kadu, mediador de conflitos fundiários, teve sua morte violenta em novembro de 2015, provocando uma série de desdobramentos. As lideranças e entidades que apoiavam as ocupações da região, diante do clima de violência e ameaças constantes, se retiraram da Ocupação Vitória, dando lugar a novas lideranças comunitárias surgidas dentro da própria comunidade.

Essa transição marcou um novo capítulo na história da Ocupação Vitória. As mortes, juntamente com o clima de violência e as ameaças, precipitaram a saída das lideranças, movimentos sociais e entidades apoiadoras. Novas lideranças, como Paulinha e Lu, apoiadas por Renata e outros moradores como Adão, emergiram para articular as lutas da comunidade frente ao poder público. Essa mudança representou não apenas a superação das adversidades, mas também a necessidade de diálogo constante, transparência e ampliação territorial efetiva.

Parte 3: Desafios e Transformações

O Novo Rumo da Ocupação Vitória revela o processo de resistência da comunidade diante das forças políticas e econômicas que buscavam seu despejo. No contexto político-econômico de Belo Horizonte, as ocupações da região da Izidora, em especial Vitória, tornaram-se um ponto de tensão a partir das Jornadas de Junho de 2013, marcadas por manifestações em todo o Brasil.

A pressão imobiliária e as políticas voltadas para a Copa do Mundo FIFA de 2014 contribuíram para o surgimento das ocupações de maneira orgânica e espontânea, sem a coordenação inicial de movimentos sociais. Iniciada em julho de 2013, a Ocupação Vitória representou a mais recente dentre as ocupações da Izidora, sucedendo Rosa Leão e Esperança. Seu crescimento rápido logo encontrou resistência, resultando na primeira ordem de reintegração de posse e autorização de despejo concedida por uma juíza. O desafio iminente levou os moradores a acamparem nas dependências da Prefeitura de Belo Horizonte, transformando a luta pela moradia em uma questão pública e evidenciando uma organização interna emergente. Enquanto o poder público municipal e entidades privadas vislumbravam a região para projetos urbanos, os ocupantes buscavam consolidar seu direito à cidade.

As articulações entre poder público e entidades delineavam um cenário onde as ocupações se tornaram obstáculos aos interesses da especulação imobiliária. Em meio às negociações e lutas contra a iminente ameaça de despejo, a comunidade se deparou com episódios de violência policial durante manifestações, incluindo confrontos e violência física contra os moradores. Helicópteros da polícia, com mensagens intimidadoras, amplificaram o clima de tensão, provocando pânico e desorientação.

As manifestações tornaram-se momentos cruciais de organização interna, incluindo a coleta de doações e a preparação de alimentos, estabelecendo grupos de apoio e comunicação através de aplicativos. Estratégias de resistência a busca por apoio de movimentos sociais, empresas e partidos políticos.

A busca por diálogo com o poder público e a garantia contra despejos forçaram os moradores a se organizarem. A retirada de entidades e lideranças da comunidade devido ao clima de violência e ameaças levou à ascensão de novas lideranças comunitárias, como Paulinha e Lu, apoiadas por Renata e outros moradores. Essa mudança de liderança representou um novo capítulo na história da Ocupação Vitória,

marcado pela necessidade de diálogo constante, transparência e fortalecimento da comunidade frente ao poder público.

A trajetória da Ocupação Vitória, entrelaçada com as demais ocupações da Izidora, destaca-se como um episódio emblemático na luta por moradia e no enfrentamento das desigualdades urbanas. O próximo capítulo explorará a fase crucial das negociações, as adversidades enfrentadas pelas lideranças comunitárias e as estratégias adotadas para a consolidação do direito à cidade.

Parte 4: Adversidades, Perdas e Ressurgimento

A trajetória da Ocupação Vitória mergulha em uma fase de adversidades, perdas significativas e, ao mesmo tempo, no ressurgimento da comunidade, revelando uma narrativa complexa e resiliente. Os eventos marcantes, como as mortes de lideranças importantes e as ameaças crescentes, moldaram profundamente o curso dos acontecimentos. Em um contexto já permeado por tensões e confrontos, o desdobramento trágico desse capítulo da ocupação foi marcado pelas mortes de lideranças atuantes acima descritas. Suas relevâncias estavam intrinsecamente ligadas à promoção da redistribuição dos lotes e à mediação de conflitos fundiários. Essas perdas abalaram a comunidade, provocando não apenas o luto, mas também uma profunda reflexão sobre o caminho a ser seguido. O clima de violência e as ameaças constantes às lideranças engajadas nos movimentos sociais resultaram no afastamento de entidades e grupos de apoio, deixando a Ocupação Vitória em uma situação desafiadora. Rumores de uma lista de pessoas marcadas para assassinato por grupos insatisfeitos com a atuação das lideranças geraram um ambiente de medo e insegurança.

Com o afastamento das lideranças e a ausência de alguns movimentos sociais, emergiram novas lideranças comunitárias, como Paulinha e Lu, com o apoio direto de Renata e outros moradores como Adão. Essas lideranças, surgidas organicamente do seio da própria comunidade, tornaram-se fundamentais para o novo rumo da Ocupação Vitória. Essa transição de liderança não ocorreu apenas como uma resposta às circunstâncias trágicas, mas também como uma evolução natural da organização interna da comunidade.

A liderança “Lu”, candidatou-se a vereadora de Belo Horizonte, apoiada pelas demais lideranças e pela comunidade, ao que empenhou tempo e despendeu verbas para a campanha, sem obter sucesso eleitoral. O processo, que também exigiu muito do psicológico e emocional da liderança, causou-lhe a perda de clientes de seu salão de beleza, desgastes familiares, com vizinhos e com outros moradores da comunidade. Ao final do pleito eleitoral, ela optou por afastar-se da liderança comunitária para focar em sua família e em seu trabalho. A partir disso, Paulinha e Renata se consolidam como lideranças – até o momento atual – no exercício da articulação interna para as lutas da comunidade frente ao Estado na busca da garantia do direito à moradia digna e no enfrentamento a violências domésticas e sociais no interior da comunidade e na busca por melhorias de vida para os moradores.

O novo enfoque dessas lideranças incluiu priorizar o diálogo constante com os moradores e grupos atuantes na comunidade, garantindo transparência em todas as ações e decisões. O ressurgimento da Ocupação Vitória, ancorado nas novas lideranças e na participação ativa dos moradores, marca uma fase de renovação e redirecionamento da luta pela moradia.

A comunidade, agora mais informada e participativa, enfrenta os desafios com uma determinação renovada, ciente de que a defesa de seus direitos exige não apenas resistência, mas também estratégias eficazes de diálogo e organização interna. O próximo capítulo explorará a fase crucial das negociações, a relação contínua com o poder público e os desafios que ainda permeiam o caminho da Ocupação Vitória.

Parte 5: Resistência, negociações e desafios contínuos - a jornada atual da Ocupação Vitória

A quinta parte da história da Ocupação Vitória mergulha na fase atual, marcada pela persistência da resistência, negociações complexas e desafios contínuos. Esse capítulo reflete sobre a jornada recente da comunidade, delineando as estratégias adotadas, as relações com o poder público e os obstáculos enfrentados.

Após as mudanças de liderança e a reorganização interna da comunidade, a Ocupação Vitória direcionou seus esforços para consolidar a ocupação do território de forma mais efetiva e adensada. Essa estratégia, adotada sob as novas lideranças de

Paulinha e Lu, visava fortalecer a resistência da comunidade diante das ameaças externas e, ao mesmo tempo, promover um ambiente coletivo mais coeso. Nesse período, as negociações com o poder público ganharam destaque.

A Ocupação Vitória, agora sob nova liderança, buscou diálogo com as autoridades, representantes do governo e outros atores envolvidos. A transparência e a participação ativa dos moradores foram elementos-chave durante essas negociações, destacando a importância da comunidade no processo decisório.

O novo enfoque nas negociações visava encontrar soluções que atendessem tanto às necessidades imediatas da comunidade quanto às demandas estruturais a longo prazo. A presença de lideranças comunitárias mais próximas da realidade dos moradores proporcionou uma abordagem mais assertiva, levando em consideração as complexidades sociais, econômicas e estruturais enfrentadas pela Ocupação Vitória. As negociações não foram isentas de desafios. O poder público, representado por diferentes instâncias governamentais, demonstrou resistência e, em alguns casos, intransigência diante das demandas da comunidade. As disputas políticas, interesses imobiliários e as complexidades legais entrelaçadas no cenário urbano contribuíram para um processo de negociação complexo e multifacetado.

A persistência da Ocupação Vitória em meio a esses desafios foi sustentada pela coesão interna e pela mobilização constante dos moradores. A articulação com movimentos sociais, entidades de apoio e a sociedade civil em geral desempenhou um papel crucial na visibilidade da causa e na busca por apoio externo.

A Ocupação Vitória, ao enfrentar desafios diários, tornou-se um símbolo de resiliência e perseverança. A jornada atual da comunidade é um testemunho da luta contínua por moradia digna, evidenciando a necessidade não apenas de resistir às ameaças externas, mas também de criar alternativas sustentáveis para o futuro.

O próximo capítulo explorará as projeções futuras da Ocupação Vitória, considerando as lições aprendidas ao longo da trajetória, os caminhos possíveis para a comunidade e os desafios que ainda podem surgir. A história da Ocupação Vitória, assim como das demais ocupações da Izidora, permanece em constante evolução, refletindo as dinâmicas sociais, políticas e urbanas que permeiam o tecido da cidade de Belo Horizonte.

Parte 6: Desafios futuros e projeções da Ocupação Vitória

A sexta parte da história da Ocupação Vitória projeta o olhar para o futuro, explorando os desafios iminentes e as possíveis trajetórias da comunidade. Este capítulo examina as projeções, considerando as lições aprendidas, as dinâmicas sociais e urbanas, e delineando possíveis cenários para a Ocupação Vitória.

A busca por estabilidade e reconhecimento legal continua a ser uma das principais aspirações da Ocupação Vitória. A comunidade enfrenta a constante ameaça de despejo, agravada por disputas políticas, interesses imobiliários e a complexidade do contexto urbano. Nesse cenário desafiador, a Ocupação Vitória busca consolidar sua permanência no território, almejando a regularização fundiária como um passo crucial para assegurar a moradia digna de seus moradores.

O diálogo com o poder público, embora marcado por obstáculos, permanece como uma estratégia central. A Ocupação Vitória, representada por lideranças comunitárias engajadas, busca influenciar políticas públicas e encontrar soluções colaborativas que atendam às necessidades da comunidade. A transparência e a participação ativa dos moradores continuam a ser elementos-chave nas negociações em andamento.

As alianças com movimentos sociais, entidades de apoio e a sociedade civil desempenham um papel fundamental na defesa dos interesses da Ocupação Vitória. A visibilidade da causa e o apoio externo são recursos cruciais para enfrentar a resistência institucional e consolidar avanços significativos. A comunidade reconhece a importância de ampliar suas redes de apoio e manter parcerias estratégicas para enfrentar os desafios futuros.

A dimensão ambiental também emerge como uma preocupação crescente. A Ocupação Vitória, situada em meio a áreas verdes, busca equilibrar suas necessidades habitacionais com a preservação ambiental. Iniciativas de sustentabilidade, como a plantação de hortaliças, representam não apenas estratégias de subsistência, mas também uma expressão do comprometimento da comunidade com práticas que respeitam o meio ambiente.

A questão da segurança interna e a gestão das relações internas tornam-se focos de atenção. A comunidade enfrenta desafios como o aumento da violência, o tráfico de drogas e a necessidade de construir uma coesão interna que fortaleça sua capacidade

de resistir a pressões externas. À medida que a Ocupação Vitória contempla seu futuro, a importância de uma abordagem holística e sustentável é enfatizada. A comunidade reconhece a necessidade de equilibrar suas demandas imediatas com uma visão de longo prazo que considere aspectos sociais, econômicos e ambientais.

A trajetória da Ocupação Vitória, marcada por desafios e conquistas, reflete as dinâmicas complexas e interconectadas que permeiam as ocupações urbanas. Este capítulo encerra a narrativa atual da Ocupação Vitória, abrindo espaço para o contínuo desenvolvimento dessa comunidade resiliente e para a reflexão sobre as múltiplas dimensões envolvidas na busca por moradia digna em um contexto urbano desafiador. A história da Ocupação Vitória permanece viva, moldada pelas experiências de seus moradores, as interações com o entorno e as forças que moldam o cenário urbano de Belo Horizonte.

Parte 7: Lições aprendidas e reflexões sobre a trajetória da Ocupação Vitória

Nesta parte da narrativa, exploramos as lições aprendidas ao longo da trajetória da Ocupação Vitória, oferecendo reflexões sobre o significado mais amplo desse movimento comunitário. Ao mergulharmos nas experiências compartilhadas pelos moradores, lideranças e apoiadores, vislumbramos as nuances dessa jornada marcada por desafios, resistência e transformações.

Um dos pontos centrais de aprendizado é a capacidade de mobilização e organização da Ocupação Vitória diante das adversidades. A comunidade, impulsionada pelas Jornadas de Junho de 2013 e pelas demandas populares, consolidou-se como uma força coletiva capaz de articular estratégias de resistência. O acampamento na Prefeitura de Belo Horizonte representou um marco desse processo, unindo os moradores em torno do objetivo comum de garantir o direito à moradia.

A questão da comunicação e transparência emergiu como uma lição crucial. A sintonia entre lideranças e moradores, especialmente após a mudança na gestão comunitária, destacou a importância de canais abertos de diálogo. A comunidade reconheceu que a informação transparente e acessível fortalece a coesão interna, aumenta a confiança e permite uma participação mais informada nas decisões que impactam a todos.

A capacidade de adaptação e flexibilidade da Ocupação Vitória também merece destaque. Diante das mudanças nas dinâmicas sociais, políticas e econômicas, a comunidade ajustou suas estratégias, mantendo a resiliência necessária para enfrentar novos desafios. A transição de lideranças, as parcerias estabelecidas e a busca constante por soluções inovadoras evidenciam a habilidade da Ocupação Vitória em se adaptar às complexidades do cenário urbano.

Experiências trágicas, como as mortes de lideranças importantes, provocaram uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade dos movimentos sociais. As ameaças, violências e o impacto desses eventos na dinâmica da Ocupação Vitória trouxeram à tona a necessidade de abordagens que garantam a segurança física e psicológica dos moradores e lideranças.

A relação intrínseca entre a Ocupação Vitória e o contexto urbano mais amplo de Belo Horizonte destaca a interconexão entre as ocupações urbanas e os desafios estruturais da cidade. O modelo de desenvolvimento urbano, as políticas habitacionais e a especulação imobiliária emergem como elementos-chave que influenciam diretamente a trajetória da Ocupação Vitória. A comunidade, ao refletir sobre seu papel na cidade, busca compreender e confrontar essas forças sistêmicas que moldam as condições de vida nas áreas urbanas.

A consolidação da Ocupação Vitória como um espaço de resistência e construção coletiva ressalta a importância de movimentos sociais na promoção da justiça social e na luta por direitos fundamentais. As interações entre a comunidade e diferentes atores, como movimentos sociais, entidades de apoio e órgãos públicos, revelam a complexidade das dinâmicas urbanas e a necessidade de abordagens colaborativas para enfrentar os desafios habitacionais.

Ao encerrarmos essa reflexão sobre a trajetória da Ocupação Vitória, destacamos que esta narrativa está em constante evolução. A comunidade, ao assimilar as lições aprendidas, reafirma seu compromisso com a construção de um futuro mais justo e inclusivo. A história da Ocupação Vitória continua a ser escrita, moldada pelas experiências cotidianas, pelos diálogos construtivos e pela resiliência de uma comunidade que busca, acima de tudo, o direito à moradia digna.

Parte 8: Território e Ambiente na Ocupação Vitória

Desde seu início, alguns moradores tomaram à frente, na busca pela manutenção do espaço e da preservação do meio ambiente dentro e no entorno da ocupação, principalmente com a coleta de materiais recicláveis, o que também contribuiu para a composição da renda de algumas famílias.

De maneira orgânica, as lideranças buscaram evitar que os moradores ocupassem e construíssem em áreas de nascentes e cursos d'água. Essa orientação das lideranças foi seguida em parte pelos moradores, o que evitou uma ocupação massiva dessas áreas, apesar de ainda existirem casas entendidas como alvo de futura remoção por estarem muito próximas dos cursos d'água. Assim, a comunidade sofre menos com enchentes e deslizamentos de terra que ameacem os moradores e tem seus cursos d'água considerados limpos, ou seja, com pouca presença de esgoto doméstico, o que se justifica pela atuação de projetos de entidades e movimentos sociais que, ao longo do tempo, estiveram presentes na comunidade ofertando ações e formação para que os moradores fizessem uma ocupação, de certa forma, ordenada.

Dentre esses atores externos presentes, está o Projeto Izidora que, com ações de preservação e recuperação ambiental voltadas para os cursos d'água da região, oferece a instalação de TEVAP's a algumas moradias para evitar que o esgoto seja despejado no curso d'água, faz plantio e recuperação de matas ciliares, drenos e recuperação de leitos, contenção de encostas e limpeza de áreas.

O projeto Izidora converge com os interesses ambientais da comunidade e proporciona melhores condições de vida para a população através do saneamento. Essa contribuição se soma ainda com os esforços das lideranças e da comunidade para a construção de um projeto de urbanização para o território que reflita os interesses e pertencimentos da comunidade, respeite a legislação ambiental e ofereça segurança e conforto ambiental e jurídicos para os moradores, que tem nessa comunidade um local de moradia, construção de cidadania através das lutas diárias, que por sua vez se inserem com muita força na história das lutas por moradia em Belo Horizonte e no Brasil.

A história da Ocupação Vitória é marcada pela luta por moradia desde seu início. É marcada pela presença dos movimentos sociais e partidos políticos na busca pela organização dos moradores, formação política e implementação de estratégias de enfrentamento às tentativas de despejo. É marcada pelo sangue de lideranças como

Manuel Bahia e Kadu. É marcada pelo crescimento rápido e desordenado propiciado pelo empobrecimento da população, sobretudo negra e periférica. É marcada pelo trabalho incessante daqueles que acreditam na Vitória, no poder da organização popular. É marcada pela ausência e pela oposição do poder público e pela especulação imobiliária. É marcada pela ausência de serviços públicos básicos de saúde, educação, saneamento, transporte público, urbanização, segurança pública e et. É marcada pelo impacto ambiental em uma das raras reservas ambientais urbanas do mundo, e pela transformação do impacto em material de pesquisa e intervenção por projetos e entidades como o Projeto Izidora. É marcada pela resiliência de sua população, que mesmo na adversidade, permanece firme construindo lutas, laços, memórias e afetos ao lugar, ao povo, ao meio ambiente à Vitória. É marcada pelas festividades que mobilizam a comunidade. É marcada pelas crianças que, por terem nascido ali, marcam um importante episódio em que se evitou mais uma tentativa de despejo e que são, ali, de maneira ainda mais intensa, símbolo de esperança no futuro.

Agradecimentos

Agradecemos ao Acordo de Cooperação Financeira ACF 209/21 com o Fundo Socioambiental Caixa pelo financiamento do Projeto Izidora.

Agradecemos às lideranças comunitárias Paula Cristina, Renata Santos e ao apoiador José Adão da Silva, pelo apoio em todos os momentos de execução do Projeto Izidora, pela articulação comunitária e pelos momentos juntos nessa jornada.

Bibliografia

Lourenço, T. C. B. 2022. Comunicação Pessoal.

Bittencourt, R. R. 2016. Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006-2015). 2016.

Bizzoto, L. M. 2015. # RESISTEIZIDORA: controvérsias do movimento de resistência das Ocupações da Izidora e apontamentos para a justiça urbana. 2015.